

As gangues e milícias regionais: uma tendência dos conflitos urbanos no futuro*

André Luís Woloszyn**

RESUMO

Apresenta um estudo sobre o recrudescimento da violência praticada por gangues pós-conflitos mundiais, o crescimento e atuação destas em níveis regionais por meio de redes de interconectividade global e pela facilidade de acesso a novas tecnologias, em uma espécie de globalização do crime. Tomando-se por base o exemplo do Iraque, aborda os diversos tipos de gangues existentes no mundo e suas práticas delituosas, incluindo o terrorismo, e analisa sob o enfoque criminal como são tratadas essas questões no Brasil com a perspectiva de que as ações praticadas por esses grupos serão a tendência dos conflitos urbanos no futuro.

PALAVRAS-CHAVE

Conflitos, violência, criminalidade, urbanização.

Considerações iniciais

O surgimento de gangues, definidas como grupos de pessoas que se reúnem de forma sistemática para deliberadamente praticarem delitos, não é um tema recente, muito embora pouco explorado em estudos jurídicos e policiais. No universo de áreas do conhecimento humano como psicologia, sociologia e antropologia, existem diversas abordagens do assunto. No *Dicionário Houaiss*, ela é con-

ceituada como “associação de malfeitores, bando ou quadrilha — grupo de pessoas, geralmente jovens, às vezes com disposição agressiva — grupo de pessoas que trabalham juntas, em atividades antissociais ou contrárias à Lei e que possuem relações sociais próximas e informais”.

Independentemente desses conceitos, provavelmente as gangues tenham sua gênese com os primeiros seres humanos do planeta. Registros históricos afirmam que no século I

* Colaboração do autor.

** Analista da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República 1997/98. Diplomado pela Escola Superior de Guerra, Especialista em Ciências Penais pela UFRGS e em Terrorismo – EUA.

alguns países como Congo, Afeganistão, Libéria, Somália, Ruanda e Serra Leoa, entre outros. A Indonésia e vários países da Ásia Central correm o risco de cair no mesmo despenhadeiro. As forças da desagregação assolam, também, países avançados como Canadá, Bélgica e Espanha. A América Latina, felizmente, até o presente momento não tem sofrido, de forma avassaladora, a pressão dessas forças centrífugas, ainda que alguns estados com grande proporção de populações indígenas descurem-se de prevenir-se contra potenciais explosões raciais e étnicas.

Vivemos em um mundo perigoso, no qual a soberania, já bastante limitada, dos pequenos e médios estados vê-se cada vez mais ameaçada, não somente pela presença das grandes potências e pelas forças secessionistas mas também pelo crescente poder globalizado das máfias, da criminalidade organizada, dos grupos

terroristas de cunho fundamentalista e das seitas apocalípticas. Para reduzir nossa vulnerabilidade diante dessas ameaças, é necessário, em primeiro lugar, que nos fortaleçamos internacionalmente, aumentando a capacidade da sociedade e o potencial do estado brasileiro. Isso implica, fundamentalmente, um verdadeiro estado de direito. Sem o império da lei, sem segurança jurídica, sem regras econômicas bastante claras e estáveis, não existirá criação de riqueza, somente distribuição desigual da miséria.

Certamente, não haverá um projeto histórico mais ou menos autônomo para a América Latina nesse alvorecer do terceiro milênio sem a imprescindível unidade e coesão dos estados membros. Ademais, é urgente e necessário que transformemos a integração latino-americana em um imperativo geopolítico, se desejamos deixar de sermos considerados exóticos e marginais espectadores no cenário internacional. ●



Editorial 2009

Coleção General Benício

SOLDADOS DA PÁTRIA

Frank D. McCann – coedição/Cia das Letras

Nas palavras do historiador Francisco Doratioto, trata-se de “obra inovadora que reescreve a História do Exército Brasileiro, desde a Proclamação da República até o Estado Novo”. O autor, nascido nos Estados Unidos, escreveu inúmeros e importantes estudos sobre a história militar brasileira. Esse livro fundamenta-se em detalhada pesquisa realizada em arquivos britânicos, norte-americanos, franceses e brasileiros, assim como em depoimentos de líderes militares e civis que sobreviveram após a época considerada.